



# ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,  
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

CINEMA, LITERATURA E MARGINALIDADE NA CIDADE DE DEUS.

Luzia Bernardes da Silva; Dr. Paulo Custódio de Oliveira.

E-mail: [lubersil@hotmail.com](mailto:lubersil@hotmail.com); [paulocustodio@ufgd.edu.br](mailto:paulocustodio@ufgd.edu.br)

1 Voluntário de Iniciação Científica da UFGD. 2 Orientador.

A pesquisa que será desenvolvida tem como objeto a relação entre o filme *Cidade de Deus* (2012) e a obra literária de mesmo nome. Visa a uma análise contextual que como a configuração estética dessas duas obras colocam em destaque as questões sociais que ali se apresentam. Por isso, pode-se afirmar que a pesquisa implica conciliar os saberes desenvolvidos tanto no âmbito das artes quanto no campo do direito.

Paulo Lins, que estreou como escritor com o Romance *Cidade de Deus* (2012). Em nota de agradecimento relata que esta obra ficcional é baseada em fatos reais e busca retratar o cotidiano da favela. O próprio escritor declara que fez uso de material extraído de entrevistas feitas para o projeto “Crime e criminalidade nas classes populares” da antropóloga Alba Zaluar e de matérias jornalísticas retiradas dos Jornais *O Globo*, *Jornal do Brasil* e *O Dia*. (2012, p. 388).

Lins escreveu o romance *Cidade de Deus* (2012) enquanto participava na função de assistente dos projetos de pesquisa “Crime e criminalidade no Rio de Janeiro” e “Justiça e classes populares” ambos coordenados por Alba Zaluar. (2012, p. 288). O livro retrata a ascensão do crime naquela comunidade, cujos moradores são pessoas de etnia negra,

oriundas de outros assentamentos populares atingidos pelas enchentes e deixados às margens da sociedade abastada.

Ferrèz, em nota de orelha, informa que Lins escreveu o romance enquanto ainda era morador daquela favela e residia próximo de uma boca de fumo. O escritor passou por dificuldades financeiras e teve amigos assassinados pela guerra do tráfico, porém não sucumbiu as mazelas da pobreza e fez da caneta sua arma. “Escreveu *Cidade de Deus* no meio do inferno, no desassossego de não saber se teria mais um dia para narrar mais uma parte do seu compromisso.”

O romance *Cidade de Deus* (2012) é composto por três partes, a primeira intitulada de “A história de Inferninho”, a segunda “A história de Pardalzinho” e a terceira “A história de Zé Miúdo”.

Na parte inicial “A história de inferninho” narra-se a chegada das pessoas para ali residirem “Famílias de várias favelas do Rio de Janeiro [que] chegavam ao novo conjunto habitacional. A chance de adquirir uma casa própria e, enfim, estabelecer-se funcionava como chamariz, mas a distância e a precariedade das condições oferecidas levavam muitos a reconsiderar a decisão” (2012, p. 28).

Os personagens, de codinome “Busca-pé” e “Barbantino”, são apresentados fazendo uso de entorpecentes. “Busca-pé” faz uma rápida alusão aos seus projetos de vida e em seguida é feita uma descrição dos novos integrantes da favela para que o leitor os conheça.

O novos moradores levaram lixo, latas, cães vira-latas, exus e pomba gíria em guias intocáveis, dias para se ir à luta, soco antigo para ser descontados, restos de raiva de tiros, noites para velar cadáveres, resquícios de enchentes, biroscas, feiras de quarta-feiras e as de domingos, vermes velhos em barrigas infantis, revólveres, orixás enroscados em pescoços, frango de despacho, samba de enredo e sincopado, jogo do bicho, fome, traição, mortes, Jesus Cristo em cordões arreventados, forró quente para ser dançado, lamparina de azeite para iluminar o santo, fogareiros, pobreza para querer enriquecer, olhos para nunca ver, nunca dizer, nunca olhos e peito para encarar a vida, despistar a morte, rejuvenescer a raiva, ensanguentar destinos, fazer a guerra e para ser tatuado. [...] (2012, p. 15).

Os personagens de maior destaque nessa primeira parte são “Tutuca”, “Martelo”, “Passistinha”, “Pará”, “Pelé” e “Inferninho”. Vão surgindo outros com maior grau de periculosidade, drogados, malandros, tais como “Laranjinha”, “Acerola”, “Jaquinha”, “Manguininha” e “Verdes Olhos”.

De início a criminalidade não era de grande vulto ou sangrenta, basicamente se restringia a pequenos furtos em estabelecimentos comerciais ali localizados e ao caminhão de distribuição do gás de cozinha. A estratégia utilizada pelos infratores da lei para angariar a simpatia da comunidade era dar alguma vantagem econômica, tal como a permissão de saque do

caminhão após assaltarem o mesmo. Porém, aquele que insurgisse contra a criminalidade teria contra si aplicação da pena capital.

Os vários assaltos levam aquela comunidade reivindicar por segurança pública, surgem, então, os personagens policiais “Belzebu” e “Cabeça de Nós Todos”. Ambos apresentam uma personalidade corrupta o que acarreta a deslegitimação da atuação do poder repressivo.

Os personagens, em regra, são produtos do descaso social, vez que possuem uma vida repleta de restrições econômicas e pessoais. São, em sua maioria, advindos, de grupo familiar desestruturados com a presença de pais violentos ou alcoólatras. É marcada também a presença da intolerância racial insurgida na fala do personagem Inferninho “Sentiu vontade de matar toda aquela gente branca, que tinha telefone, carro, geladeira, comia boa comida, não morava em barraco sem água e sem privada.” (2012, p. 22).

Consta, ainda, na primeira parte a história “Zé pequeno”, “Inho” e “Zé Miúdo”. Tornam-se os principais traficantes e organizam a vida social dos grupos dos fora da lei. Já os cocotas, jovens de etnia branca com melhores condições de vida, são os responsáveis pelo elo entre os criminosos e a Cidade do Rio de Janeiro.

A segunda parte traz a história de “Pardalzinho”. Muitos dos personagens apresentados anteriormente são aqui repetidos. A atuação dos cocotas junto dos criminosos é intensificada fortalecendo o elo entre usuários da classe média e aqueles que traficam.

A prisão de “Cabelo Calmo” é um evento que intenciona, por meio da ficção, narrar às mazelas do sistema presidiário, cuja característica é a grave violação aos Direitos Humanos. As pessoas que estão sob a custódia estatal são submetidas a abuso sexuais por parte de outros custodiados e também violência moral ou física advindas dos carcereiros.

Um grande elemento dessa obra é a retratação da luta de classes sociais. Aqueles que vivem numa situação de miserabilidade veem no crime a possibilidade de mudarem suas vidas e passarem a desfrutar das benesses que o dinheiro pode proporcionar. “Pardalzinho” representa a ascensão do crime como meio de participar ativamente da sociedade.

Na segunda parte pode se ler a história do personagem “Busca-pé”. Ele retrata aqueles jovens que tentaram uma forma de vida diversa daquela seguidas pelos adolescentes que ali residiam. A trajetória dessas pessoas ainda em formação inexoravelmente desencadeava para prática de crimes, “Busca-pé” num primeiro momento possui emprego lícito e cultua o sonho de ser fotógrafo.

Com o avanço da criminalidade estabelece-se a rivalidade entre grupos de traficantes. Essas disputas pelo controle do narcotráfico são permeadas de violência. “Coca-cola” e “Manguinha” inauguram o confronto armado entre eles e a quadrilha de “Zé Miúdo”.

Outra forma de obter o apoio comunitário é a proibição de práticas de crimes sexuais e pequenos furtos. Essa conduta não advém de uma consciência social e sim possui a intenção de evitar investigações policiais e possíveis denúncias anônimas por parte das pessoas que ali residem.

A última parte apresenta um breve resumo dos acontecimentos anteriores. É em verdade uma espécie de memória. Destacando, nessa parte, as histórias de “Busca-pé” e os Cocotas.

O personagem “Zé Miúdo” torna-se extremamente violento e cruel, praticando diversas infrações em que revela uma personalidade psicopata. Dentre os crimes por ele praticados destacamos o crime de estupro em que figura como vítima a namorada de “Zé Bonito”.

“Zé Bonito” é um personagem que representa as vítimas e torna-se o benfeitor daquela localidade. Inicia-se uma guerra entre Bonito e Zé Miúdo, sendo que o primeiro é apoiado por moradores e criminosos.

A violência é o principal personagem do livro. A riqueza da narrativa leva o leitor a uma leitura densa causando até mesmo temor, pois ali destaca o quão cruel pode se tornar o ser humano quando posto numa situação de total miserabilidade. Exemplificando temos essa parte da narrativa em que “Busca-pé” e “Barbantino” observam o rio e presenciam os corpos de pessoas assassinadas surgirem nas águas:

[...] A vermelhidão precedera um corpo humano morto. O cinza daquele dia intensificou-se de maneira apreensiva. Vermelhidão esparramando-se, mais um cadáver. As nuvens apagaram as montanhas por completo. Vermelhidão, outro presunto brotou na curva do rio. A chuva fina virou tempestade. Vermelhidão, novamente seguida de defunto. Sangue diluindo-se em água podre acompanhado de mais um corpo trajando calça Lee, tênis adidas e sanguessugas sugando o líquido encarnado ainda quente. (2012, p. 12-13).

A partir da descrição da favela no texto verificamos uma ausência estatal, fato este que permite a evolução da criminalidade naquela comunidade. Não há no romance notícia de políticas públicas em que a ressocialização dos pequenos infratores seja implementada, em decorrência disso a criminalidade ganha corpo surgindo o narcotráfico.

Um sistema repressivo falho e marcado por discriminação racial é o que se apresenta na fala do personagem do policial Belzebu a seguir transcrita: “Se eu chegar igual moça, nego deita e rola, tá sabendo? Todo mundo aqui tem cara de bandido, quase não tem branco, nesta terra só tem crioulo mal-encarado. Não vou dar sopa mermo!” (2012, p. 34).

A sociedade nega àquelas pessoas os direitos mínimos de moradia digna, segurança e acesso a educação. Os personagens em sua maioria possuem uma vida pregressa repleta de necessidades, geralmente oriundos de famílias que vivem em total miséria, podemos ilustrar

com a descrição feita pelo narrador do personagem “Martelo” “Ainda criança, Martelo jurara para si mesmo que não passaria pelas necessidades que passava com os pais. Filho caçula de uma família de seis irmãos, apenas ele arriscara correr o risco de um dia arrebentar a boa.” (2012, p. 36).

O autor em *Cidade de Deus* (2012) cria uma suprarrealidade transportando o mundo real para o ficcional, pois em seu processo imaginativo ele cria uma comunidade a partir de suas experiências de morador da favela. A partir de uma linguagem peculiar, que se afasta do mundo forense, transforma e intensifica a narrativa de um crime.

É necessário, portanto, distinguir o mundo real do ficcional. Ivete Lara Camargos Walty em “O que é ficção” relata que “o real é fruto de um processo de relações do homem com os outros homens e com a natureza.” (1999, p. 19). A autora assinala que em verdade tudo é representação, seria, então, a existência da ficção que nos levaria por em causa a realidade como a percebemos.

Quando o policial descreve a conduta que fora tipificado como crime este o faz utilizando os signos num arranjo simplório, pois que não há a preocupação com arranjo estético da escrita. O policial irá apenas relatar seguindo protocolo da entidade da qual pertence “...o autor adentrou na Boate Space Funk, sacou da cintura uma arma de fogo, aproximou-se da vítima e efetuou três disparos que atingiram-lhe a cabeça. Em seguida, o autor evadiu num veículo modelo Gol de cor verde...”

Já num arranjo literário a mesma conduta conterà palavras organizadas estruturalmente “Deu mais três tiros naquele corpo que se estrebuchava à dor da morte; os olhos se reviraram, os braços se debatiam. O sangue desceu pela testa.” (2012, p. 52).

#### Bibliografia:

LINS, Paulo. *Cidade de Deus*. Rio de Janeiro: Planeta, 2012.

EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. Tradução de Waltiesir Dutra. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora. 2001. Tradução de Literary Theory.

WALTY, Ivete Lara Camargos. *O que é ficção*. São Paulo: Editora brasiliense, 2009. 3ª. Ed.

MONTEIRO, Natália. (2009) *Universo Policial*. Disponível em: <http://www.universopolicial.com/2009/09/boletim-de-ocorrencia-policial.html>. Acesso em: 10 de set. 2014.

WANDERLEY, J. Literatura. In.: JOBIM, J. L. (org) Palavras da crítica. Rio de Janeiro: Imago, 1992. PP. 253-265 (col. Pierre Menard).